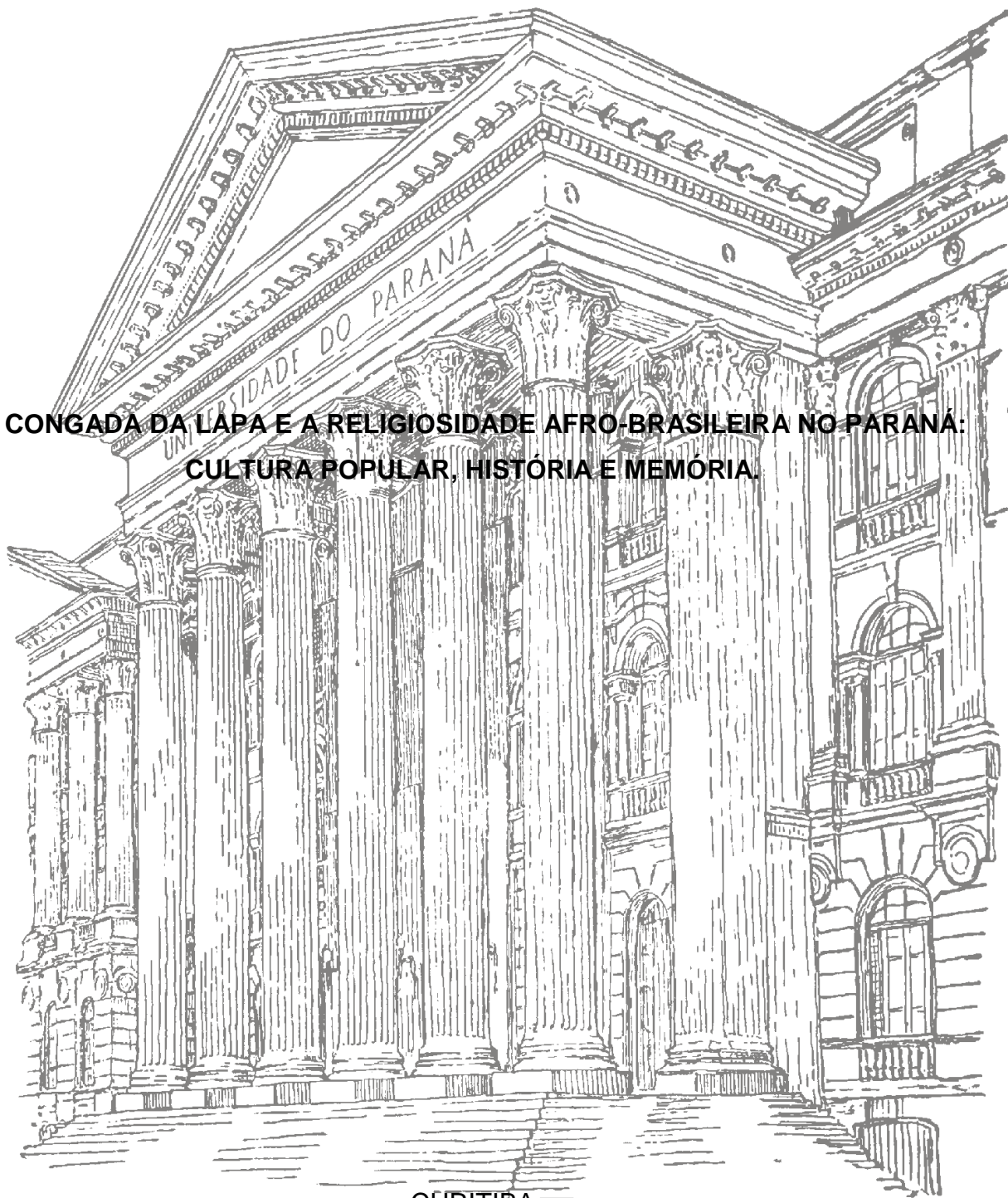


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ARI DOS SANTOS SILVEIRA PINTO JÚNIOR

**A CONGADA DA LAPA E A RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA NO PARANÁ:
CULTURA POPULAR, HISTÓRIA E MEMÓRIA.**



CURITIBA

2015

ARI DOS SANTOS SILVEIRA PINTO JÚNIOR

**A CONGADA DA LAPA E A RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA NO PARANÁ:
CULTURA POPULAR, HISTÓRIA E MEMÓRIA.**

**Monografia apresentada como
requisito parcial para conclusão
do Curso de Especialização em
Educação das Relações Étnico
Raciais, da Universidade Federal
do Paraná.**

ORIENTADORA: VANESSA MARIA RODRIGUES VIACAVA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	02
1. UM OLHAR SOBRE A LAPA	04
1.1 Um templo a um negro.....	04
1.2 A Congada da Lapa	06
1.3 Ritual e Performance	09
1.4 O Caderno	11
2.A CONGADA DA LAPA: OLHARES AO POVO NEGRO	13
2.1 Miguel Ferreira: Um olhar sobre a Congada	18
3. UM OLHAR ETNOGRÁFICO SOBRE A CONGADA DA LAPA	25
3.1 Um breve relato - Os Ferreira	26
3.2 O roteiro	27
3.3 Os desafios	32
CONCLUSÃO	34
REFERÊNCIAS.....	36

RESUMO

O presente trabalho visa apresentar a importância da Congada da Lapa para refletir sobre relações étnico-raciais. Foi feita uma retomada dos conceitos teóricos, pela Antropologia, que ajudou a compreender a Congada por meio de um viés cultural, percebendo sua caracterização como cultura popular, rito e performance. A partir dessa abordagem teórica, fez-se um apanhado histórico da Congada da Lapa, identificando o espaço no qual a Congada se localiza, os elementos simbólicos que constituem tal manifestação, além de perceber a importância da família Ferreira para manutenção de tal manifestação. Em seguida, houve uma aproximação de um aspecto etnográfico da Congada da Lapa, analisando o roteiro que envolve toda a performance, para então terem sido demonstrados os desafios que fazem parte da Congada, e as possíveis ações que possam ser desenvolvidas. Ao fim, foi constatado o aspecto ritual da Congada, bem como os desafios que a ela apresenta.

Palavras-Chave: Congada da Lapa; Cultura Popular; Ritual; Antropologia; Relações étnico-raciais.

ABSTRACT

This study aim is to present the relevance of Congada in Lapa, in order to think about ethnic-racial relations. It was done some review of theoretical concepts, by Anthropology, what helped to understand the Congada through a cultural view, recognizing its characterization as a popular culture, ritual and performance. From this theoretical approach, a historical overview of Congada in Lapa was made, identifying where it is located, its symbolic elements, besides observing the relevance of family Ferreira to preserve this manifestation. Then, there was an enclosing to the Congada in Lapa's ethnographic aspect, analyzing the script that involves all the performance, and then were shown the challenges that are part of Congada, and the possible actions that can be developed there. In the end, the ritual aspect of Congada was found as well as the challenges that Congada presents.

Key-words: Congada in Lapa; Popular Culture; Ritual; Anthropology; Ethnic-racial relations.

INTRODUÇÃO

A Congada é a principal manifestação da cultura afro-brasileira da cidade da Lapa (Paraná), sendo reconhecida nacionalmente¹.

Toda a sua importância está ligada a uma performance que conta com cantos, danças, músicas e uma história incrivelmente bem pensada, tudo para representar a crença em um santo de pele negra, São Benedito. A Congada narra a história da batalha entre dois reinos, a da Angola e do Congo, motivada por um mal entendido acabam entrando em batalha. A gênese da Congada se dá com um manuscrito que contém todo o enredo das cenas, onde se demonstra por meio do caderno toda a devoção a São Benedito.

Ao analisar a história da Congada e suas características principais, percebe-se a importância da mesma para as relações étnico-raciais, pois a Congada mostra-se como uma expressão histórica, na medida em que representa como as famílias e dos senhores de escravos ostentavam sua riqueza e poder através das roupas e adornos que eram usados pelos congadeiros, além disso, demonstra uma história de luta e devoção do povo negro e sua importância para a História da Lapa e do estado do Paraná.

A devoção a São Benedito pelo povo negro da Lapa, fez com que a Congada da Lapa ganhasse espaço dentro do cenário civil e religioso da cidade, pois com a devoção do santo que vem desde o tempo da escravidão, o dia dedicado a São Benedito na cidade é o 26 de dezembro, dia que os negros comemoravam o seu natal. Tal devoção gerou tanto influência que na cidade da Lapa, a festa civil dedicada a São Benedito é realizada neste dia, mesmo não sendo o dia da festa litúrgica da Igreja Católica.

A Congada é compreendida como uma manifestação da cultura popular, seguindo o conceito de cultura popular atribuído por Nestor Canclini como uma expressão em constante transformação, mutante, performática. (CANCLINI, 1989).

Tal manifestação da cultura popular lapiana pode ser vista sob seu também aspecto ritual, pois seguindo a relação que se estabelece com Da

¹ No ano de 2004 a Congada passou a ser conhecida em todo o País graças a um incentivo da Petrobras que a levou para vários estados.

Matta (1979) e Mircea Eliade (1991), compreendemos a noção de ritual como repetição, algo que busca trazer a noção de um reviver algo, sendo portanto, uma festa, que traz aspectos, tanto religiosos quanto profanos, por estar localizada em um espaço público e se tratar de uma trama que envolve dois reinos, mas que ao mesmo tempo se torna sagrada por tratar da relação que se estabelece a partir da devoção a São Benedito.

Iniciaremos esse estudo observando a relação da cidade da Lapa, o aspecto conceitual que envolve a Congada da Lapa, bem como todo um aspecto conceitual que envolve o tema a ser pesquisado, como a relação aos pressupostos teóricos de Clifford Geertz acerca da cultura e uma noção do aspecto ritual que envolve a Congada, bem como sua importância na comunidade religiosa, ligada a São Benedito e a construção do Santuário de São Benedito.

Em um segundo momento, fazemos uma abordagem ao povo negro na Lapa, sempre dando um enfoque na ligação com a Congada, pois esta manifestação que acontece na cidade da Lapa, surge também como uma manutenção das raízes do povo negro. utilizamos para tal abordagem a noção trazida por Loureiro Fernandes e Cláudia Bibas, dois pesquisadores que se dedicaram a pesquisar o povo negro na Lapa, além disso, vemos um olhar do rei do congo, o senhor Miguel Ferreira, que apresenta-nos a Congada com um viés de quem está dentro da Congada.

Por fim, concluímos tal pesquisa abordando etnograficamente a performance da Congada, demonstrando a história entre o aspecto ritual da mesma, fazendo uma abordagem do roteiro e da história da Congada, que foi passada através de um manuscrito, contendo toda a trama de uma guerra e devoção a São Benedito.

1. UM OLHAR SOBRE A LAPA

A cidade da Lapa é conhecida por diversos aspectos históricos e culturais, ela conta com uma coleção de casarões bem preservados que guardam a história da cidade, mantendo viva uma arquitetura do período do ecletismo, com remanescentes coloniais, o que faz com que inúmeros turistas sejam atraídos para a cidade. A Lapa também é identificada como parte da história paranaense e brasileira por ter sido cenário da Revolução Federalista, no ano de 1894. Mas a imagem mais destacada da cidade refere-se aos tropeiros que faziam deste lugar um ponto de parada e descanso. Assim, a imagem e a lembrança do tropeiro estão muito vivas e presentes na história lapiana, o que faz com que inúmeros turistas sejam atraídos para a cidade.

Outro ponto marcante na cidade é seu aspecto religioso, principalmente pelas histórias que se remetem ao Monge João Maria de Agostini e a Gruta do Parque Estadual do Monge. Além deste aspecto místico religioso que envolve a pessoa e parque do Monge, o caráter religioso que marca a cidade é a presença do maior Santuário Diocesano do mundo dedicado a São Benedito.

1. 1 UM TEMPLO A UM NEGRO

Segundo Cláudia Bibas, a devoção a São Benedito na cidade da Lapa tem início na metade do século XVIII, quando negros escravos e livres que pertenciam a irmandade dos Pretos, procuravam sanar suas necessidades espirituais e sociais. Para isso começaram a prestar culto à imagem do santo negro, que foi esculpida na madeira pelo escravo Joaquim Antonio da Luz Maia, com aproximadamente sessenta centímetros de altura, com um resplendor de prata.

A devoção dos lapeanos por São Benedito teria iniciado no século XIX, em torno de uma antiga imagem existente na Igreja Matriz e que pertencia à antiga capelinha de Santo Antonio da Lapa. Segundo a história descrita no Livro Tombo II, a imagem datada de 1772, pertencente à Irmandade dos Pretos cujo orago era São Benedito, foi esculpida por um escravo chamado Joaquim Antonio da Luz Maia, conhecido como Peteca. Rústica e de madeira, a imagem media sessenta centímetros de altura e portava um pequeno resplendor de prata. (NASCIMENTO. 2009. p. 106.)

Foi levada para a capela de Nossa Senhora dos Milagres, na parte inferior da cidade, onde após uma tempestade e a destruição da capela, ficando a imagem ilesa, os devotos tiveram a ideia de construir uma capela para São Benedito, onde foi erigida no local onde costumava estar o pelourinho. O início da construção se dá somente por iniciativa da Irmandade de São Benedito, que percorriam a cidade buscando recursos, mas não foi uma tarefa fácil e em 1894 apenas os alicerces estavam construídos.

Segundo Loureiro Fernandes, Jordão da Rocha que foi o terceiro rei do Congo assume a Irmandade e também a construção da capela, conduz a obra até o seu final em 1908. (FERNANDES, 1977)

A pequena capela construída por escravos, descendentes, irmandade e devotos permanece até 1951, quando foi demolida para que se construísse um templo maior, surgindo assim o Santuário de São Benedito, onde hoje este é considerado o maior santuário diocesano dedicado a São Benedito do mundo.



Foto:Disponível em:

<<https://www.flickr.com/photos/11564270@N08/15066885569>> Acesso em: 15/08/15.

1. 2 A CONGADA DA LAPA

Além dos inúmeros pontos turísticos e fatores históricos que fazem com que a Lapa seja vista como um local de destaque na cultura paranaense – isso a levou a ser cenário de inúmeros filmes (longas e curtas-metragens), e ter se tornado a capital nacional da cultura no ano de 2011 – é a Congada da Lapa, uma manifestação da cultura popular que envolve aspectos religiosos, históricos e étnicos.

A Congada da Lapa é a mais pura expressão da cultura popular lapiana, paranaense e brasileira. Uma apresentação profana, impregnada de religiosidade e simbolismo. A Congada sempre foi representada pelos escravos, há mais de 100 anos, em louvor ao seu santo de devoção, o santo preto São Benedito. Um dia após o Natal, dia 26 de dezembro, os escravos recebiam dos seus senhores, restos das grandes ceias de Natal da casa grande e podiam então comemorar com danças, batuques e cantos que revelavam a sua profunda devoção por São Benedito e a nostalgia sentida das distantes terras africanas de onde havia sido retirada a força.

No tempo do Brasil Império, os escravos eram vestidos pelas famílias às quais pertenciam e que faziam questão de vesti-los ricamente com veludos, rendas, sedas, bordados e plumas (uma alusão às cortes europeias), muitas vezes o ato de vestir um Congo era um pagamento de uma promessa feita a São Benedito. As famílias que vestiam os congos no período da escravidão queriam demonstrar toda sua riqueza, para isso emprestavam suas melhores e mais valiosas joias, como uma forma de disputa entre as famílias.



Foto: Disponível em:

<http://www.arteseed.pr.gov.br/modules/galeria/uploads/2/congada_lapa.png> Acesso em: 15/08/15.

Com a abolição da escravatura, todo esse luxo acabou, mas manteve-se a tradição popular de prestar homenagem ao santo e representar esta luta entre os reinos africanos, o Rei do Congo com seus fidalgos contra a Rainha de Angola, composta do Embaixador e seu exército.

Ao falar da Congada da Lapa, não podemos deixar de citar que a mesma é uma manifestação da cultura popular de tal cidade, que com suas cores, coreografias e cantos a todos encantam. Mas para entendermos melhor este aspecto da Congada, como elemento constituinte da cultura popular nos aproximamos de uma definição desse conceito.

Para definir cultura popular é necessário compreender o conceito de cultura. A cultura pode ser entendida com um elemento que de forma constitutiva, nos coloca em relação com o mundo natural e nos permite criar significado e simbolismos com o mesmo, sendo o espaço natural não apenas o local que habitamos, mas sim, aquele que damos um significado. Isso de forma individual ou coletiva, portanto cabe o aspecto social para a análise de tal termo, podendo assim o ser humano ser entendido como um ser social,

diferente das outras espécies, que são apenas seres coletivos. Portanto, como expõe Clifford Geertz, a cultura é a relação de transformação de natureza em nós e para nós.

Somando tudo isso, nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura - não através da cultura em geral, mas através de formas altamente particulares de cultura: dobuana e javanesa, hopi ou italiana, de classe alta e de classe baixa, acadêmica e comercial. A grande capacidade de aprendizagem do homem, sua plasticidade, tem sido observada muitas vezes, mas o que ainda é o mais crítico é sua extrema dependência de uma espécie de aprendizado: atingir conceitos, a apreensão e aplicação de **sistemas específicos de significado simbólico**. Os castores constroem diques, os pássaros constroem ninhos, as abelhas localizam seu alimento, os babuínos organizam grupos sociais e os ratos acasalam-se à base da forma de aprendizado que repousam predominantemente em instruções codificadas em seus genes e evocadas por padrões apropriados de estímulos externos - chaves físicas inseridas nas fechaduras orgânicas. Mas os homens constroem diques ou refúgios, localizam o alimento, organizam seus grupos sociais ou descobrem seus companheiros sexuais sobre a direção de instruções codificadas em diagramas e plantas, na tradição da caça, nos sistemas morais, e nos julgamentos estéticos: estruturas conceptuais que moldam talentos amorfos. (GEERTZ, 1989, p. 62-63, grifo nosso.)

Sabendo toda essa relação atribuída por Clifford Geertz sobre o conceito de cultura, cabe identificarmos a relação da Congada da Lapa com a chamada cultura popular. Mas para que possamos referenciar e compreender o que é a cultura popular, devemos desconstruir a ideia de que a noção de produção cultural é algo específico de um grupo ou classe, que a manifestação cultural deva ser clássica e erudita, mas antes, devemos perceber que existe as manifestações que representam todo um sistema de signos e significados, produzido pelas mais variadas classes e grupos, cada um buscando, da sua maneira, representar a sua abstração da realidade.

A Congada da Lapa, num primeiro momento, poderia ser entendida como uma cultura subalterna, mas para romper com essa perspectiva obsoleta de cultura recorremos às análises de Néstor Canclini²:

A especificidade das culturas populares não deriva apenas do fato de que a apropriação daquilo que a sociedade possui seja menor e diferente; deriva também do fato de que o povo produz no trabalho e na vida, formas específicas de representação, produção e reelaboração

² O argentino Néstor Garcia Canclini é um antropólogo contemporâneo, que tem o seu trabalho focado na pós-modernidade e cultura latino-americana, centrando sua investigação em temas como comunicação, cultura e sociologia da América Latina.

simbólica de suas relações sociais. [...] O povo realiza estes processos compartilhando as noções gerais de produção, circulação do sistema em que vive [...] Portanto, as culturas populares são construídas em dois espaços: a) as práticas profissionais familiares, comunicacionais e de todo tipo através dos quais o sistema capitalista organiza a vida de todos os seus membros; b) as práticas e formas de pensamento que os setores particulares criam para si próprios, mediante os quais concebem e expressam a sua realidade, o seu lugar subordinado na produção, na circulação e no consumo.” (Canclini, 1983, p.43)

A Congada da Lapa vai sendo construída dentro do espaço que representava a repressão e aprisionamento pelo sistema escravista da época, surge como uma forma de alento e expressão, da forma mais simples e ao mesmo tempo complexa, como uma manifestação de liberdade, onde através do ritual e da arte, tem-se a manifestação do povo negro, que se sente livre e importante, mesmo dentro das senzalas, seus senhores param e observam tal manifestação. Não se pode negar, que a Congada, mesmo sendo uma atribuição liberada pelos seus senhores, é uma das formas de manifestação do povo negro, que percorre o tempo e chega até os dias de hoje, como uma manifestação, lutando para que este traço da cultura popular negra sobreviva diante de tanta injustiça e desmerecimento pela mesma. A cultura popular, com suas apresentações na rua, busca garantir o seu espaço, mesmo com dificuldades.

1. 3 RITUAL E PERFORMANCE

Quando pensamos em uma noção de ritual, do ponto de vista antropológico isso pode parecer banal, haja vista que todo o agir humano é ritual, como aponta Geertz, mas vamos basear a nossa reflexão sobre o aspecto da Congada como um rito, dentro da perspectiva trazida por Da Matta, partindo da noção que o aspecto ritual sempre vai levar a um estranhamento de si, pela perspectiva da repetição, busca-se transmitir algo, que não necessariamente o indivíduo tenha vivido, mas que faz parte da sua história e constituição como ser. Não podemos negar que o rito tem a função de manter viva uma memória, como representa o historiador e estudioso das religiões Mircea Eliade, pois sempre vai surgir toda a noção ritual, seja ligada a uma religião, sendo, portanto sagrada, seja um rito profano, sempre vai ter a função de repetição e reviver o que os ancestrais viveram e prescreveram.

Ainda sobre a noção de ritual, Mariza Peirano aponta um conceito de ritual postulado por Stanley Tambiah. Para esse antropólogo um ritual tem certas qualidades que podem ser observados na sua ação performática:

O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como "performativa" em três sentidos; 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz "sim" à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como "Brasil" o time de futebol campeão do mundo].(PEIRANO, 2003, p. 11)

PEIRANO, Mariza. Rituais ontem e hoje, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

Na Congada da lapa, todo o aspecto ritual é transmitido de geração em geração, sendo o mesmo apresentado tradicionalmente no dia 26 de dezembro, o dia que se comemora São Benedito, não sendo este dia a festa litúrgica da Igreja Católica Apostólica Romana, mas um dia específico de comemoração e devoção ao santo negro, pelos escravos, na cidade da Lapa. Neste dia que se realizava a apresentação da Congada da Lapa, onde tem toda a sua história no caderno, um manuscrito que contém o roteiro e enredo da apresentação.

Assim, a performance permite que os conteúdos dados da cultura, como as noções e valores. A tradição passa por um processo de reelaboração no presente, que visa um futuro com garantia do processo de repetição contínuo, sendo uma forma da sociedade se colocar perante a sociedade. Assim apresenta a noção de performance cultural a professora do departamento de artes corporais, Regina Pollo Müller no artigo, Corpo e imagem em movimento: há uma alma neste corpo, 2000:

De outro modo, é o caráter experiencial e processual do ritual bem como sua compreensão como "unidade de observação" e "experiência concreta" que permitem relacionar, neste trabalho, processo sociocultural, história e socialização (transmissão de conhecimento e

aprendizagem) através do estudo da arte e do ritual [...]. As performances culturais são "experiências concretas" e "unidades de observação", ou seja, "constituintes elementares" da cultura pois possuem "uma medida de tempo limitada, ou pelo menos um começo e um fim, um programa organizado de atividades, um conjunto de atores, uma audiência e um lugar e ocasião de performance". Além disso, "são coisas que alguém não pertencente à cultura em questão pode observar e compreender numa única experiência direta" (SINGER apud TURNER, 1988, p. 23).

Dessa forma a Congada precisa ser analisada para que toda a performance artística seja entendida, mas não podemos pensar a Congada apenas como uma apresentação, que busque garantir o entretenimento, mas sim, com a relevância histórica e cultural que a mesma possui para a comunidade lapiana, paranaense e para toda a comunidade negra.

1. 4 O CADERNO

Segundo Miguel Ferreira, o caderno seria um dos principais símbolos da Congada da Lapa, pois é a partir deste caderno que se tem todo o enredo. Hoje o caderno está nas mãos do rei do Congo, Miguel Ferreira, que com muito zelo e cuidado, mantém guardado a gênese de toda uma tradição³.

Sua origem é ainda um mistério, seu Miguel não soube precisar a data que o mesmo foi escrito, segundo o relato de seu Miguel, o caderno deve ter sido escrito por volta do ano de 1835, um manuscrito que segundo o mesmo, tem-se a dificuldade de compreensão do que está escrito, mas segundo o senhor Ferreira, foi feita uma reescrita do caderno, sendo esta reescrita utilizada nos ensaios, onde apresenta toda a história do espetáculo, segundo seu Miguel, o caderno não foi feito a caneta e sim a pena.

O seu conteúdo revela uma grandeza poética, artística, religiosa e histórica, pois é a partir do roteiro que toda a performance vai ser construída. É salientado a relação existente entre os dois reinos em questão, Congo e

³ O caderno é um elemento fundamental na Congada e seu manuseio não é permitido a qualquer pessoa "de fora" ou "de dentro" da Congada. Não me permitiram fazer um registro fotográfico do caderno, mesmo com fins acadêmicos, isso demonstra o mistério, o segredo que envolve esse elemento/símbolo da Congada.

Angola, onde o Congo oferece uma festa em honra a São Benedito, evidenciando assim, através do ritual toda uma característica da religiosidade popular, principalmente do povo negro, que vai tendo contato com o catolicismo a partir da colonização.

Este processo, que se busca manter toda uma relação com a religiosidade e o drama propriamente dito, ganha um aspecto fundamental que chama a atenção da comunidade e esta passa a admirar tal manifestação, que é a riqueza estética empregada em tal ritual, característico do que é a performance e o processo na ação cultural.

2 . A CONGADA DA LAPA: OLHARES AO POVO NEGRO

A Congada é uma manifestação artística-ritual-cultural tipicamente afro-brasileira, que tem ligação com os atributos religiosos, no caso da Congada da Lapa, enquanto devoção à São Benedito. Através de danças, cantos e música, se busca demonstrar a relação entre dois reinos, o do Congo e de Angola, onde estes, por um desentendimento, acabam entrando em batalha. Toda a parte ritual da Congada é marcada por uma riqueza ritual, cultural e estética, além de servir também como um patrimônio cultural presente na cidade da Lapa, que busca manter viva a cultura negra de nossa cidade.

Tem-se registro da presença da Congada em várias regiões do estado do Paraná, como sinaliza o antropólogo José Loureiro Fernandes⁴. Na obra “Congadas Paranaenses” onde buscava demonstrar a história regional e buscar fazer um resgate da identidade cultural, Fernandes apresenta “As mais antigas referências a Congadas no Paraná abrangem Curitiba, Paranaguá, Castro, Lapa e antiga região povoada do norte do Estado, próximo a Tunas.” (FERNANDES, 2002, p. 7). Com o tempo as demais manifestações da Congada foram se tornando cada vez mais raras até se extinguirem, restando apenas na cidade da Lapa, como uma das principais representações da festividade e da cultura negra no estado do Paraná.

A partir do momento consideramos a saída de um povo contra sua vontade, retirado de sua pátria, realocado em outro continente, em outro país, a população negra se viu obrigada a buscar uma forma para garantir as estratégias de sobrevivências nos moldes impostos por este novo mundo, nessa nova realidade. Assim, pode-se afirmar que as festas, danças, ritos que permanecem, embora com uma gana muito forte de calar a maneira de ser do povo negro.

⁴ José Loureiro de Ascensão Fernandes, nasceu em Lisboa, Portugal em 1903, filho de portugueses que residiam no Brasil. formou-se em medicina com especialização em urologia. Em sua trajetória ligada a antropologia, foi Diretor do Museu Paranaense (1963-43 e 1945-46) e fundador do Museu de Arqueologia e Artes Populares da UFPR. Seus trabalhos e sua trajetória contribuíram para a formação de uma identidade paranaense, definida em relação às questões sócio-históricas e políticas locais, quanto em relação às questões nacionais. Sua carreira profissional, espelha a própria trajetória das ciências sociais brasileiras.

Na Lapa, a representação da cultura e esse avivamento e manutenção das raízes trazidas do continente africano, se ligam diretamente a prática e a vivência dos negros com as festas religiosas católicas, haja vista que os negros, ao se inserirem em um contexto de Brasil Colônia, estavam mergulhados em aspectos culturais e religiosos muito próximos à noção da corte portuguesa, dessa forma, toda a religiosidade, baseava em uma exaltação do cristianismo, mais especificamente do catolicismo. Ao se deparar com tais elementos no Brasil, o povo negro se viu obrigado a encontrar uma forma de se manter nas senzalas, por isso a noção dos aspectos religiosos era importante, mas ao se deparar com as manifestações religiosas de matriz africana, os colonizadores portugueses trouxeram para as senzalas a proibição de realização de tais ritos, considerando perigosa e disseminando a ideia de que tais manifestações era feitiçaria, portanto, deveriam ser erradicadas.

O ser humano tem a necessidade de manutenção de si mesmo, a manutenção do ser não se refere somente no sentido de sobrevivência em um sentido fisiológico, mas a manutenção de sua cultura, suas crenças, seus valores. Ao serem trazidos para o Brasil e proibidos de praticar o seu credo, houve a necessidade de buscar uma forma que viesse manter viva a noção de ser humano. Desta forma, ao se deparar com o catolicismo e com a imagem e significação dos santos católicos, perceberam que estes tinham muito em comum com as divindades cultuadas em alguns credos que pertenciam ao povo africano, sendo assim, encontraram no sincretismo religioso, uma forma de encarar o Novo Mundo. Na Lapa, antiga Vila Nova do Príncipe, os negros fizeram parte da formação étnica da cidade, como aponta Bigarella, em seu livro *Lapinha: A natureza da Lapa* (1997), onde os negros vieram para a Lapa, ou comprados como escravos, ou através da participação do ciclo tropeiro, onde o negro e o mulato representavam uma parcela significativa da população lapiana.

Embora vindos da África, em condições completamente sub humanas, os negros forma gradativamente sendo incorporados à população brasileira, quer conservando suas características étnicas, sem estabelecer miscigenação com qualquer outra raça, ou então através de repetidos cruzamentos. Na Lapa isso também ocorreu. Seja por terem sido comprados como escravos, ou como participantes do ciclo tropeiro, o negro e o mulato passaram a representar parcela razoável na sua população. Ferrarini (1971), que estudou aspectos da população negra no Paraná Província, registra

que, em 1854, a então Vila Nova do Príncipe, ainda tendo a ela incorporados os atuais municípios de Rio Negro, Contenda e Antônio Olinto, possuía 7.290 habitantes, dos quais 2.301 eram negros ou mulatos. Isto representava cerca de 20% de toda a população de negros e mulatos da Província. (BIGARELLA, 1997. p.117)

Embora a Congada não seja uma manifestação que se ligue diretamente a religiões, como a umbanda e o Candomblé, não se pode dizer que esta não traga influências religiosas, pois todo o seu ritual se volta para uma manifestação de um culto e veneração a São Benedito.

Ainda no período da escravidão, os negros tinham o dia 26 de dezembro como o dia destinado a comemoração do natal, com as sobras da casa grande, além de comemorarem o natal, neste dia de festa⁵, celebravam também a devoção a São Benedito. Tal festividade apresentava grande importância para o povo negro, pois era um dia que se rompia a rotina de trabalhos e exploração e era planejada durante um bom tempo, os negros não tinham a festa apenas como uma conotação religiosa, mas também social, onde se era retomada e celebrada a noção da cultura e da história do povo que foi escravizado no Brasil, desta forma, dizemos que a Congada é um evento sagrado, por sua crença religiosa, e também profana.

Não se pode ignorar a presença dos aspectos religiosos na Congada, principalmente ligados ao cristianismo, pois como aponta a pesquisadora Cláudia Bibas, existiu um processo de incorporação dos rituais católicos na vida dos novos habitantes do Brasil, o que acarretou um processo de inclusão do cristianismo nas comemorações e definindo assim as comemorações e dias específicos no calendário para a realização das festas, onde as festas e danças do povo negro vai se inserindo em irmandades católicas. A Congada tem sua origem como uma dança que homenageia um santo de devoção, e normalmente é realizada para homenagear um santo preto, que no caso da Lapa é São Benedito.

⁵ Quando nos referimos a noção de festa, estamos utilizando uma noção de Mary Del Piore, onde coloca a festa como sendo uma manifestação teatral, que traz a perspectiva de uma organização social, onde participam os membros de uma sociedade local, com o objetivo de controle e manutenção de privilégios e hierarquias. No caso da Congada, referimos a tal conceito, por tratar de uma festa baseada em um grupo de negros, pertencentes a uma família ou comunidade, que fazem da Congada uma forma de manifestação cultural e étnica. PRIORI, Mary del. **Religião e religiosidade no Brasil Colonial**. São Paulo: Ática, 1994.

A Congada da Lapa acaba se inserindo nos atos católicos, mantendo uma ligação com a Irmandade de São Benedito, responsável pela manutenção da capela de São Benedito, mesmo antes dessa se tornar santuário, organização das festas e das procissões que eram realizadas em homenagem a São Benedito e pela dança em sua homenagem. Neste primeiro momento, a Congada fazia parte da Irmandade de São Benedito, o que não permaneceu para sempre, onde tempos depois, após desentendimentos administrativos a Congada vem se desvencilhar da Irmandade e as funções passam a ser definidas, baseadas em uma divisão de funções. Coube a irmandade continuar com a prática religiosa, manutenção da igreja, das procissões e organização das festas, a Congada por sua vez se tornou responsável pela dança.

A Congada da Lapa é composta principalmente por integrantes da família Ferreira, que após a abolição da escravatura, ficaram nas terras do senhor Braga, antigo dono de escravos, na região de interior da cidade da Lapa, chamada de Feixo, uma comunidade quilombola. A família Ferreira é quem possui o reinado, na pessoa do senhor Miguel Ferreira, o rei, e de Ney Ferreira o embaixador. Cabe a eles a guarda e manutenção do caderno. Sabe-se que este foi trazido por um negro, conhecido como Isaac Nascimento, onde continha, os textos referentes a apresentações de – Dia Grandioso, Dia Solene e Africanada – não se pode negar que a partir deste manuscrito é que se inicia a Congada da Lapa.

Juntamente com o caderno, o reinado da Congada vai se passando como uma herança. Tem como registro o primeiro rei, conhecido como tio Martinho, segundo registros e pesquisas apresentadas por Fernandes, era um escravo pertencente ao Barão dos Campos Gerais, em seguida, foi a vez de Benjamin, mais conhecido como tio Beija assumir o reinado. Em sua morte, foi enterrado com o manto estrelado, um dos símbolos de sua realeza. Desta forma, vai sendo transmitido o reinado até chegar ao atual rei Miguel Ferreira.

No período da escravidão, os senhores de escravos começaram a se utilizar dessa nova manifestação que vinha se apresentando na cidade da Lapa, com o objetivo de afirmar ainda mais a fé católica, por meio da veneração a santos negros ou de ostentar um poder financeiro dos donos desses escravos, onde, ao realizar apresentações na frente da casa de seus

senhores, esses deveriam estar adornados com as mais belas e ricas roupas possíveis, tendo o rei, inclusive, a possibilidade de utilizar as joias mais caras da família.

Segundo Bibas⁶, alguns folcloristas apontam que a primeira manifestação da Congada foi realizada na frente da casa do Coronel David dos Santos Pacheco, o Barão dos Campos Gerais. Todo ano as apresentações eram realizadas na frente da casa do Barão dos Campos Gerais e demais autoridades da cidade.

Após a abolição ocorreram algumas dificuldades para manter a Congada viva, pois já não se tinha o financiamento por parte dos então ex-senhores, não havia mais a motivação, então através de doações de tecidos velhos foram conseguindo manter a tradição com muitas dificuldades. Além das dificuldades internas de manutenção, passavam pelos fatores externos, de repressão social, onde por estarem ligados a centros urbanos, acabaram sendo reprimidas, com a justificativa do barulho que os mesmos ocasionavam, desta forma em várias regiões as Congadas foram desaparecendo, devido também as legislações municipais que proibiam as manifestações, como a Congada e os batuques.

A manutenção da Congada da Lapa sempre passou por dificuldades, as quais podem ser observadas na contemporaneidade, pois a realização da Congada na cidade está totalmente ligada a manifestação e a festa de São Benedito, dia que era realizado a manifestação pública da Congada, em honra ao santo, mas percebia-se que ao mesmo tempo que a Congada ocorria, outras coisas aconteciam, além do não conhecimento da origem e significado da dança por parte de uma parcela da sociedade devota ao santo e do presente preconceito racial.

-
- ⁶NASCIMENTO, Cláudia B. do. **Múltiplos olhares sobre a presença negra na Lapa – Paraná: História e Arqueologia (Século XIX e XX)**. 2009. 237 f. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de pós - Graduação em História, Porto Alegre, 2009.

2.1 MIGUEL FERREIRA – UM OLHAR SOBRE A CONGADA

O senhor Miguel Ferreira está na Congada desde os seus seis anos de idade, tendo entrado na Congada através do seu avô, João Noé, que era o atual rei. O papel que o senhor Miguel Ferreira desempenhou na Congada foi o de reizinho. Após a morte do senhor João Noé Ferreira, quem recebeu o caderno e a tradição, de ser o rei da Congada, foi o senhor Quintino Ferreira. No período que o caderno –símbolo de guardião da tradição - estava com o seu Quintino, seu Miguel era o embaixador, ficando por alguns anos nesta função. Uma das características importantes a serem observadas é que toda a família Ferreira passou pela Congada, existem outras famílias envolvidas, mas a família Ferreira é a principal por manter a tradição.

Neste período, a família Ferreira passou por alguns entreviros, onde o senhor Quintino teve problemas com a justiça, chegando a ficar preso. Mais tarde, quando já doente, passa o caderno para o senhor Miguel Ferreira, o atual rei congo. Embora, com a morte de Quintino, todos os problemas aparentemente estivessem resolvidos, a Congada teve um processo de interrupção por volta de 17 anos, retornando as suas apresentações por volta do ano de 1991.

Um dos grandes desafios enfrentado pela Congada, a partir da reativação em 1991, foi a composição de todo o figurino para o espetáculo, onde as primeiras apresentações apenas tinham as vestimentas, que foram recebidas da prefeitura da Lapa, outros elementos, como espadas e pistolas, que são utilizadas na batalha, eram emprestadas por cidadãos lapianos e de museus da cidade, isso faria com que os objetos não fossem padronizados, pois dependiam do empréstimo. Conseguiram também de apoiadores políticos os chapéus, mas ainda faltavam as meias e calçados, então seu Miguel retirou de seu bolso o dinheiro para comprar as meias e utilizaram os calçados que eles mesmo tinham. Mais tarde, em outras gestões, conseguiram as espadas e os calçados, que são sapatos brancos para todos os membros.

Outro fator que dificultava a Congada de ser autossuficiente, era a falta dos instrumentos e toda a parte do som, pois alguns instrumentos eram emprestados, assim como os demais objetos. Alguns instrumentos, como a

rabeca, instrumento rústico de cordas, não havia, então, a partir de um projeto da Lux produções audiovisuais e patrocínio da Petrobras, houve a possibilidade de aquisição de toda a parte musical e a revitalização dos instrumentos e figurinos. Além de toda uma discussão sobre os objetos e figurinos utilizados pela congada. Vide link <<https://www.youtube.com/watch?v=nXx0OgAliGY>>

O objetivo do projeto foi proporcionar as condições materiais e artísticas para que a Congada da Lapa voltasse a ser realizada de forma estruturada, estimulando o turismo cultural no município. Além dos espetáculos, que aconteceram nas ruas da Lapa e em municípios vizinhos, houve o registro em vídeo para a gravação de um DVD. Os equipamentos de som, figurinos e adereços produzidos foram incorporados ao patrimônio da comunidade. (Disponível em: <http://sites.petrobras.com.br/minisite/memoriacultural/port/patrimoniolmaterial/Congada.asp>. Acessado em: 24/09/2015.)

Junto com o incentivo, o contrato pedia a apresentação de nove espetáculos da Congada, inclusive na sede da empresa no Rio de Janeiro, os outros foram em Sorocaba, cinco espetáculos em Curitiba, dois espetáculos na cidade da Lapa, um na frente do Teatro São João e outro em frente ao Panteon dos Heroes, onde foi feito a gravação do DVD. Mas mesmo com o fim do patrocínio, a Congada continuou com as apresentações fora da cidade, em locais mais longes, como em Marechal Cândido Rondon, foram realizadas duas apresentações em faxinal do Céu, Praia de leste, entre outras.

Uma das grandes dificuldades da manutenção da Congada é a falta de incentivo, principalmente dos órgãos públicos, onde os mais jovens que não sentem a noção da pertença nesse aspecto, acabam cada vez mais desmotivados, seu Miguel Ferreira coloca que em algumas gestões, principalmente por parte da secretaria de cultura da cidade, os congadeiros encontravam muitas dificuldades para a manutenção do grupo, não havendo, por exemplo, transportes para levar a Congada para se apresentarem em outras cidades, mesmo este grupo sendo um dos marcos da cultura popular da cidade da Lapa. Além do mais, durante o período de 2008 a 2012 não houve nenhuma apresentação da Congada organizada e incentivada pela prefeitura, apenas a apresentação da festa de São Benedito. Devido a diversos fatores, inclusive de saúde de seu Miguel, que já sofreu um infarto. Faz três anos que não ocorre a apresentação da Congada no dia 26 de dezembro.

Outro problema que o grupo enfrentava é a dificuldade de local para ensaio, pois o local que o grupo ensaiava era utilizado também por outras pessoas e outros grupos, tendo dificuldades de organizar os ensaios. Atualmente as coisas estão melhorando, onde o grupo já tem um local fixo de ensaio e um ônibus cedido pela prefeitura para levar os congadeiros e os objetos utilizados pela congada.

Embora todos os problemas de saúde enfrentados pelo seu Miguel, ele se torna responsável por diversas funções na Congada, não apenas como rei, mas como um responsável também por correr atrás da organização das apresentações. Assim, ele devia conciliar o seu trabalho como açougueiro com a organização do espetáculo, correndo atrás de transporte, organizando o figurino, som, instrumentos, adornos, etc.

Mesmo diante de tantos desafios, no ano de 2013, o senhor Miguel Ferreira foi reconhecido nacionalmente no prêmio "Culturas Populares" do Ministério da Cultura. Tal reconhecimento fez com que houvesse um comprometimento por parte da municipalidade de promover a Congada da Lapa nas escolas do município, sendo a figura do senhor Miguel Ferreira, fundamental para a realização de tal ação.



Foto: Disponível em: <<http://lapa.pr.gov.br/noticia/349/ministerio-da-cultura-reconhece-rei-do-congo-lapeano>>. Acesso em 28/08/2015.

Seu Miguel comentou também sobre o aspecto religioso da Congada, a ligação do ritual como uma homenagem a São benedito. Embora a Congada não seja uma manifestação que se ligue diretamente a religiões, como a umbanda e o Candomblé, não se pode dizer que esta não traga influências religiosas, pois todo o seu ritual se volta para uma manifestação de um culto e veneração a São Benedito.

Ao ser perguntado como identificar o aspecto religioso na Congada, seu Miguel disse: “A apresentação foi feita em homenagem a São Benedito, durante o trajeto inteiro da apresentação, toda a fala, o verso, a cantiga que tem é em homenagem a São Benedito. Ele começa com São Benedito e termina com São benedito, então os escravos fizeram para homenagear São Benedito. O rei começa e termina falando de São Benedito, o embaixador também.”

Pode-se perceber ainda o aspecto religioso no seguinte verso dito pelo rei.

Vós bem sabeis a importância
Dessa brilhante função
Escusa de vós fazer
A maior recomendação
O santo por excelência
De palerma por descendência
Nas virtudes mais sublimes
É o herói mais excelente
E o que hoje nos move
A celebrar a vossa Glória
O santo Benedito
Santo da eterna memória
Cantai-nos de amor, nascido do coração
Cantai, dançai meus filhos, prestai nessa função.

Em seguida, começa a dança dos fidalgos, onde cantam também em homenagem a São Benedito, podemos perceber tal influência no seguinte trecho:

São Benedito é quem nos guia
Para Jesus Cristo e a virgem Maria.

Outro ponto que percebemos que a Congada possui um aspecto religioso e segundo o próprio caderno traz o roteiro na apresentação, com

diversas falas que envolvem o nome do Santo, Nossa Senhora do Rosário e outras figuras ligadas ao cristianismo, mais especificamente ao catolicismo. No início da apresentação, o rei se refere ao dia como sendo um dia de celebração cristã, demonstrando a veneração ao santo, com festa, danças e cantos. Todo o trajeto, inclusive dos fidalgos, tem um verso, sendo que apenas um dos fidalgos não apresenta a relação com São Benedito. Apenas o último fidalgo da fila, o responsável por desarmar as armas dos soldados do embaixador que não se referem a São Benedito.

Em um determinado momento da apresentação, o cacique anda cantando e marchando na rua, onde os conguinhos o acompanham e também cantam. Neste momento se percebe a influência de todo o catolicismo na Congada.

Vamos ligeiro
E não apressado
Pra louvar um Santo
Muito consagrado
Nós todos viemos
E para louvar
É São Benedito
Pra festejar
Meu São Benedito
Vossa casa cheira
De cravos e rosas
Flor de laranjeira
Meu São Benedito
Vós fostes cozinheiro
Hoje ele é um santo
De Deus verdadeiro
Meu São Benedito
Santinho dos pretos
Ele fala na boca
Responde nos peitos
Meu São Benedito
Olhos de vidraça
Ele tão pretinho
Coberto de graça,
Meu São Benedito
Vós fostes guardião
Hoje é um rico
No meu leal coração
Meu São Benedito
É santo e tem cordão
Pra valer os pobres
Na maior ocasião
Que santo é aquele
Que vem com o guia
É São Benedito
Com São Sebastião
Que Santo é aquele

Que vem no andor
É São Benedito
Com Nosso Senhor
Que santo é aquele
Que vem no jardim
É São Benedito
Com São Joaquim
Que santo é aquele
Que vem lá dentro
É São Benedito
Que vai pro convento
Que santo é aquele
Que vem na Charola
É São Benedito
Com Nossa Senhora
Louvemos de coração
O nosso tão grande santo
Lá no céu serás ouvido
Nossos sinceros cantos
Que santo é aquele com tamanha guia
É São Benedito
Filho da Virgem Maria
E nós todos viemos para louvar
E São Benedito para festejar
Nós dos conguinhos
Também viemos gargantear
Deles cantando nossas letrinhas
Para o povo se alegrar
Deles de glória embrião
Que vai profundo
Lá no céu e cá na terra
São glória de todo mundo.

As apresentações da Congada na Lapa são tradicionalmente apresentadas durante a festa de São Benedito, no dia em que é comemorado o dia do santo na Lapa. Segundo seu Miguel, neste dia não se cobra nada para que os mesmos apresentem, pois é em homenagem ao santo e segue a tradição. Nas demais apresentações, nem que seja o aniversário da cidade, o grupo cobra uma pequena taxa para a manutenção do grupo.

Uma das maiores angústias apresentadas pelo seu Miguel é a perspectiva de fim para a Congada da Lapa, como ele explica, a tradição é passada pela geração, a partir do momento que os mais jovens deixam de ter interesse de participação, alguns saindo da cidade acaba limitando a permanência e manutenção do ritual e do grupo. Segundo Ferreira, o que mais falta é suporte e patrocínio para o grupo, onde faça com que os mesmos possam se interessar por isso, por acreditar que as pessoas de fato acreditam e percebem a importância no ritual.

Seu Miguel se preocupa com a relação da perda do amor a Congada, atribui isso a inúmeros fatores que fazem parte da cultura dos jovens, que acabam tirando o tempo e a motivação dos jovens a manter a tradição, como por exemplo, cita a relação com os meios de comunicação, as tecnologias e redes sociais, que acabam tirando o foco dos mais novos, onde alguns não demonstram um comprometimento com o tempo de ensaio nem de preparação para a realização do ritual, desta forma, apresenta como fundamental importância a ajuda e incentivo, pois isso pode motivar os meninos.

As mudanças nos componentes da Congada são recorrentes, o que acaba gerando várias dificuldades, pois devem aprender novas funções, novos textos, ensaiar e inserir os novos membros no grupo, por esta razão, se faz necessário uma dedicação dos membros, por isso, quando entram os mais jovens, o desafio é mantê-los no grupo.

Segundo seu Miguel, o favoritismo da cultura da Lapa é o tropeiro, a Congada não é o mais importante. Relata que sente isso, ao perceber em encontros que participou em outras cidades, como São Paulo, Castro, Faxinal do Céu, que as culturas populares eram exaltadas, inclusive a concepção que se tinha da Congada, o problema é o não reconhecimento da Congada como fundamental e importante manifestação da cultura popular e negra da cidade da Lapa, por parte das gestões políticas da cidade.

Para seu Miguel, a Congada necessita de dedicação, uma dedicação constante aos ensaios, mesmo que não se ganhe nada, precisa largar tudo, ir para o local de ensaio esquecer o lazer, família, e outras atrações, pois o para o trabalho em grupo, há uma necessidade de dedicação.

3. UM OLHAR ETNOGRÁFICO SOBRE A CONGADA DA LAPA

Uma apresentação, um ritual, um desfile, marcado por músicas, cantos, danças, das quais 48 pessoas fazem parte de uma coreografia colorida e ritualística, essa é a Congada da Lapa. Baseado em uma tradição, com um texto e roteiro que apresenta em diversos momentos a devoção a São Benedito.

Podemos perceber que a imagem de São Benedito é presença marcante na performance da Congada, principalmente por estar presente em todo o rito a bandeira com a imagem do Santo negro. Atualmente esta bandeira está em exposição no museu da Casa Vermelha, na cidade da Lapa.



Foto: Fotógrafo: Ari dos Santos Silveira Pinto Júnior. Foto retirada em: 10\06\2015.

Para melhor compreensão de tal espetáculo, vamos buscar desenvolver o caminho desenvolvido pela Congada, no seu aspecto ritual, além de buscar demonstrar a trama que faz com que tal história surja.

Vamos apresentar brevemente o roteiro da apresentação da Congada, história que é repassada de geração em geração pelos congadeiros através do

caderno, elemento primordial para a transmissão da história e que garante a continuidade de tal tradição. Para compreender a história, além das bases em livros e artigos, foi ouvido o senhor Miguel Ferreira, que com emoção nos conta de forma breve a trama que envolve esses dois reinados, que acaba gerando uma batalha, entre a embaixada da Rainha Ginga da Angola com o reinado do Congo.

3.1 UM BREVE RELATO – OS FERREIRA

Segundo o senhor Miguel Ferreira A corte do Rei é como se fosse um exército, onde existe um nível de hierarquia entre os personagens, segundo ele, segue a seguinte ordem: Rei; príncipe; secretário; duque; Marquês, Porta estandarte ou porta bandeira (Mensageiro do rei), o general ou embaixador, a parte de baixo, composta pelo lado mais militar é composta por dois caciques; sub- cacique; e os soldados, que são os conguinhos. O embaixador de Angola vem para o reinado do congo, que se assemelha a uma corte portuguesa, a mando da Rainha Ginga, de Angola⁷.

O rei é quem dá início a Congada, que está ligada a um dia de festa, da qual a rainha Ginga é convidada, como a mesma não vai até a festa dada pelo rei do congo, manda o embaixador para representa-la. Ao chegar no reinado, o embaixador sem muita informação, entra fazendo festa no campo do rei, sem mesmo pedir licença, então o rei pede para que o príncipe o secretário e o porta bandeira vão verificar o que está acontecendo. Ao irem verificar dá-se início a uma desavença entre o príncipe e o embaixador, neste momento a mando do príncipe o secretário e o porta bandeira voltam até a corte do rei para contar o que está ocorrendo. Mas após pedir permissão para adentrar na corte do rei e conversar com o mesmo, o embaixador acaba ofendendo o rei, o

⁷ Há relatos de que a rainha Ginga realmente existiu, não sendo apenas um personagem criado para dar drama a encenação. Conta seu Miguel que em estudos que ele realizou sobre a rainha, descobriu que certa vez ela foi visitar o rei de Portugal, levando consigo duas mucamas, chegando para falar com o rei, que não lhe ofereceu cadeira, ela chamou uma de suas servas para que pudesse sentar sobre ela. Ao sair, foi indagada pelo rei se a mesma não levaria consigo sua mucama, mas de forma categórica respondeu que não levaria para casa o que usou para sentar. Ainda comenta seu Miguel, que a rainha da Ginga batalhava, junto com o seu exército, não apenas ficava no comodismo de sua situação.

chamando de insolente, ocorrendo então um duelo, entre o rei e o embaixador, onde o embaixador é ferido pelo rei e é levado preso. Só neste momento é que a história se esclarece, onde o embaixador conta para o rei o seu real motivo de estar ali, que fora enviado pela rainha da Ginga, que não veio para guerrear, mas para festejar junto com o rei, então pede para apresentar o que tem de bom, chamando os seus soldados para que possam realizar a sua dança e juntos comemorem com o rei. Após o rei desculpar o embaixador, comemoram juntos.

3.2 O ROTEIRO

Toda essa trama é dividida em cenas, que ao desenrolar do trajeto vão contando essa história com muita música e dança. Para uma melhor compreensão, tanto da história, quanto da estrutura e roteiro da apresentação, vamos fazer uma análise das cenas, buscando demonstrar o que acontece em cada uma das etapas. Para isso vamos nos basear no DVD de apresentação da Congada e na pesquisa do antropólogo José Loureiro Fernandes.

Tradicionalmente o ritual inicia-se no dia 26 de dezembro, dia que se comemora São Benedito, onde, na parte da tarde, é apresentada a Congada da Lapa. A primeira parte é o desfile inicial, onde o rei a rainha e o reizinho tomam parte do altar. Em seguida, o rei dá início a primeira fala, onde traz como a principal característica a incitação de que todos os fidalgos louvem a São Benedito com os cristãos do mundo inteiro, em seguida, os fidalgos recitam versos louvando São Benedito, cumprindo assim o que o rei lhes havia pedido, e juntos festejam o dia do santo. Percebemos no início da apresentação que o Rei convoca a todos para louvarem a São Benedito, ao observar o primeiro texto dito pelo mesmo:

Príncipe, Secretário e outros fidalgos
Todos alevantem-se cheguem cá
Hoje é o dia celebrado
Por todo o mundo cristão
Do grande Santo Benedito
Na mais brilhante função
Com festas, danças, contradanças
Porque de quem lembram hoje
É do Santo Benedito

Vós, Príncipe que nesta função
Haveis agora de entrar
O pago deste festejo
São Benedito vos há de dar.

Um dos pontos que apresentam uma maior riqueza artística e estética é a cena que se segue, onde é realizada a dança dos fidalgos, onde do ponto de vista coreográfico, se destacam as figuras do príncipe e do secretário, que são os chefes da fila, como apresenta José Loureiro Fernandes “ Compete ao príncipe a maior responsabilidade, pois supervisiona toda a atuação conjunta da fidalguia. Utiliza-se para isso de um apito, com o qual não só dá o sinal início das evoluções como também comanda a música” (FERNANDES, 2002). Percebe-se assim a responsabilidade do príncipe, como sendo uma figura essencial para o desenrolar da trama, assim como também alguém que traz um caráter rico e de grande destaque é o porta estandarte, ou o porta bandeira, pois precisa demonstrar grande potencialidade física para as danças e bailes, participando das coreografias, mas também apresenta a função de mestre de cerimônia na dramatização, além de acompanhar a cada um dos fidalgos nas suas alocações. E todos esses momentos, há um acompanhamento musical, que é composto pelos instrumentos de percussão, os tambores, xequerê, rabeca e a viola.

Após o desfile inicial e o bailado dos fidalgos, dos quais saúdam São Benedito, o roteiro apresenta a chegada da embaixada da rainha da Angola, do qual o embaixador entra tumultuando, e pela postura que apresenta em sua entrada, acaba gerando uma desconfiança no Rei, que pede para que o príncipe verifique o que está ocorrendo, assim o príncipe sai em direção ao campo baixo, onde encontra-se a embaixada da Angola, ao chegar e se deparar com o imperador, o príncipe com o secretário e o porta bandeira o cercam e dão três voltas em torno da embaixada da Angola, enquanto realizam a coreografia, o príncipe pergunta para o Embaixador, “Quem sois?”, então o Embaixador responde:

Que te importa maroto
Que te importa atrevido.

Em seguida o Embaixador pede permissão para entrar no Congo:

O Embaixador pede entrada
Para sua embaixada dar
Vem lá dos bosques
A meu Rei apresentar
Trago gente toda luzida.
Que também sabem dançar
E cantar assim como nas batalhas
Sabem suas armas manejar
Mas já são três vezes que eu brado
Ó príncipe devias me escutar!

A partir desse primeiro contato da Embaixada com o reinado do Congo dá-se início a uma relação hostil entre o príncipe e a embaixada da Angola. O que acaba acarretando a primeira guerra, devido a este desencontro de informações.

Após a primeira guerra, a embaixada de Angola consegue a autorização para entrar no reinado, onde entram ao som de uma marcha bélica. O embaixador se dirige até o trono do rei, onde é levado para saudar o mesmo, acompanhado pelo secretário, e também pelo cacique. Ao chegar perto do rei e fazer a saudação, este busca também ridicularizar o rei, além de já ter chego fazendo alvoroço, sendo assim obrigado a retirar-se do reino, do qual a fidalguia seria a responsável pela retirada do embaixador do reino.

Após ser retirado o embaixador do reino, o mesmo desafia o Rei e sua fidalguia para a batalha. O Rei por sua vez, incita os seus homens para a batalha, onde começa uma preparação para a guerra, que dá espaço a uma série de coreografias, que remetem a uma noção bélica e militar, onde com danças e músicas se apresentam preparados para a batalha.

Após tal preparação, dá-se início a segunda guerra, onde ocorre uma violenta batalha entre os fidalgos e os conguinhos, que lutam pela embaixada da Angola. A trama se desenvolve com uma batalha de armas e espadas, que como uma coreografia muito bem ensaiada, se chocam no ar, dando ação para a cena e seguindo sempre comandos de voz. A cena de guerra tem o seu ápice e ao mesmo tempo a sua resolução quando o rei acompanhado do porta-bandeira e do príncipezinho descem para o campo de batalha, após a chegada do rei, este recebe uma pistola do príncipezinho, onde realiza o disparo contra o Embaixador, que assustado cai por terra. Neste momento os fidalgos

rendem, tanto embaixador e os conguinhos, onde os mesmos ficam de joelhos como um gesto de lamentação e paz. A cena da segunda guerra se encerra quando os fidalgos recolhem as armas e lanças.

A cena que se segue, segundo o caderno é a cena em que os prisioneiros chegam à corte do Congo, onde por ordem do rei, são levados como prisioneiros. O Embaixador entra entre os fidalgos, que o trazem entre espadas cruzadas. Os conguinhos vêm na sequência com invocações, pedindo o perdão real. Conguinhos:

Nós estamos prisioneiros
Pelo estado real
Lá se vai o Embaixador
Ele nos deixou ficar
O que será de nós sem o Embaixador
Cativo pelos estados
Sofrendo tamanha dor
Me sorte meu Rei me sorte
Me sorte desta prisão
Que seus ferros nos marca
Já nos machucam as mãos,
Já peçam todos comigo
Camaradas militares.
Perdoe meu Rei
Perdoe
Como Deus também perdoou
Já meu rei fazemos as pazes
E aqui de joelhos estar.

Ao chegar no pé do trono todos se ajoelham diante do Rei e aguardam a decisão real, se serão punidos ou perdoados. Então, o Rei estendendo o cetro sobre a cabeça do Embaixador fala:

Guerreiros e prisioneiros
De chaves e cadeados
Pelos louvores do grande São Benedito
Todos serão perdoados.

Após a cena em que o rei concede o perdão ao Embaixador e aos conguinhos, este solicita que o Embaixador explique o real motivo para o qual estava no reino do Congo, então, este senta-se ao lado do rei e profere o seguinte texto, com o objetivo de explicar as causas reais de sua estada naquele reinado: EMBAIXADOR:

Na mais brilhante função
Do santo mais sublimado
Minha rainha soube que era

Aqui hoje a festança
Mandou-me pois que eu viesse
Com toda esta minha gente
A vossa real presença
Mais respeitosamente
Escolher que seus vassalos
De toda nobreza flor
Para vir testemunhar
O seu respeito e seu amor
Também tenho o grande gosto
De beijar as vossas mãos
Deles terem uma parte
Nesta brilhante função.

Após o rei perceber que tudo não passava de um grande mal-entendido e que tal Embaixada vinha da Ginga, da qual a Rainha havia sido convidada para as festas em honra a São Benedito, responde ao Embaixador:

Ó meu grande Embaixador
Tal era minha alegria
Que muito na minha vida
Outra maior eu queria
Na vossa grande Rainha
Eu agradeço a embaixada
Dize-lhe que sempre foi
Por mim muito respeitada
Se algum dia este meu cetro
For-lhe de necessidade
Com ele pode contar
Com franqueza e amizade
Desejo-lhe felicidade
Da sua coroa de estado
Que o grande São Benedito
Saberá lhe dar o bom pago.

Após toda a resolução do mal-entendido, o Embaixador pede a permissão do Rei para que possa cumprir a missão dada pela Rainha Ginga. O Rei concede a permissão e logo se inicia os cantos e danças, que são representados pelos integrantes da embaixada da Angola, os Conguinhos, caciques e guias. Após a apresentação da embaixada da Ginga, dá-se início a cena da despedida do Embaixador, onde os fidalgos se organizam em filas diante do Rei e o Embaixador pede a licença para se despedir. O Rei por sua vez agradece pelo brilho que trouxe para as festas.

A representação da despedida, que é ritmada pela música, traz a despedida do Embaixador com saudações, inicialmente manuais e na sequência com as espadas, começando pelo Rei e seguindo a cada um dos fidalgos, onde o Embaixador se mostra muito digno. Após as saudações, o

Embaixador fecha a cena com uma despedida cantando adeus ao Rei, indo para o fundo da cena com seus homens, onde o cacique canta em coro com os conguinhos.

Após a saída da embaixada da Angola, dá-se início ao desfile final, onde são apresentados danças e cantos de confraternização. Neste momento ocorre uma dança envolvendo a embaixada da Angola e o Congo, onde se entrecruzam na cena, ao som de música e cantorias, sendo a última cena e assim, dando o encerramento da apresentação.

Além da experiência relatada, é possível perceber tais elementos no vídeo, que segue o link a seguir: < Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_FK-_2cf0bQ. Acessado em: 24/09/2015).

3.3 OS DESAFIOS

Quando falamos com os mais jovens sobre a Congada da Lapa, muitos deles não sabem o que é, outros já ouviram falar, ou dizem que é uma dança e um teatro que os negros apresentavam, faltando para muitos a compreensão do que realmente é e representa a Congada da Lapa.

Diante de tais cenários não podemos culpar os mais jovens e boa parte da população local pelo desconhecimento e desinteresse pela história da Congada, percebemos que esta falta de sensibilidade para com a história e cultura só existe, porque não há um incentivo real para que a Congada tenha destaque no cenário municipal, estadual e até mesmo nacional. Temos exemplos de outras Congadas que chegaram ao fim, encerraram suas atividades e não conseguiram sobreviver diante desta sociedade que não abre espaço para o popular, histórico e étnico-racial. Na cidade da Lapa, temos uma grande parcela da população negra, uma cidade que abriga 3 comunidades quilombolas, sendo uma na cidade e duas no interior, não percebe, em muitos casos, a importância de trazer a Congada, ficando muito tempo sem a preocupação de tornar a Congada um Patrimônio imaterial da cidade, atualmente há um projeto em gestação, que tem por objetivo transformar esta manifestação da Cultura Popular em Patrimônio Imaterial.

Embora haja um esforço por parte da municipalidade de manter tal manifestação viva, ainda pequenos gestos de reconhecimento ficam a desejar, como um incentivo real, como que por exemplo, no dia municipal de Cultura da cidade da Lapa, foram homenageados algumas pessoas que produzem cultura em nossa cidade, mas uma das maiores representantes da cultura popular lapiana e paranaense não foi sequer citada.

Vemos que no cenário da educação municipal algumas ações vem sendo feitas, como por exemplo, o ensino das batidas da música da Congada nas escolas municipais, mas tal ensino não é feito por nenhum membro da Congada, embora já seja um ponto positivo.

Tal trabalho busca, não apenas demonstrar que existe uma cidade que se chama Lapa e que nesta cidade existe um grupo de negros que ainda lutam para a manutenção de uma prática centenária que se chama Congada. Se busca demonstrar que em muitos casos, as relações étnico-raciais, principalmente do povo africano não é abordada de forma efetiva, onde nem mesmo os mediadores culturais recebem e tem espaço dentro das esferas públicas, para que possam desenvolver medidas de incentivo.

Precisamos de um modelo educacional que vise uma educação com um ensino voltado para a realidade, onde a partir da lei 10.639/03, que visa o ensino da história e cultura das tradições indígenas e afro-brasileiras, possamos avançar, para que ocorra a manutenção de grupos que mantenham vivas as suas tradições. É um desafio, pois vive-se em um sistema onde isso não é privilegiado.

CONCLUSÃO

Os rituais são aspectos para se compreender uma sociedade, tais ritos, podem ser cotidianos e ao observar como uma comunidade se organiza, percebe-se elementos simbólicos, principalmente quando falamos de rituais religiosos.

A Congada da Lapa consiste em um ritual onde seus elementos (dança e música⁸) expressam de forma condensada significados compartilhados por essa comunidade. Na performance, manifestada de forma não verbal mantém viva uma tradição. Em certo sentido, esse ritual manifesta a invisibilidade da comunidade negra lapiana e por consequência paranaense.

A Congada, enquanto cultura popular faz parte da história do povo lapiano. Observou-se que a própria família Ferreira, que é guardiã do ritual, enfrenta dificuldades estruturais para manter viva e firme tal tradição.

Com a função de manter viva a tradição de um povo, a Congada enfrenta desafios, principalmente quando refere-se a uma cidade que privilegia a figura do tropeiro. Embora essa figura seja importante, em muitos aspectos, se percebe uma diminuição da importância cultural e identitária da congada para a cidade da Lapa.

Ao privilegiar simbolicamente o tropeirismo em detrimento da congada o poder público local nem sempre fornece recursos materiais para essa manifestação da cultura. Esta falta de incentivo acarreta um problema mais sério, pois é um problema que envolve uma relação étnico-racial, haja vista que, ao não abordar tal manifestação cultural, a municipalidade não incentiva a execução de um ritual afro-brasileiro, que poderia destacar o elemento negro na constituição da identidade paranaense. Assim, Mesmo de forma inconsciente ocorre um embranquecimento da história de uma cidade marcada pela presença do povo negro. Porém, há uma chance de mudança, onde a partir de projetos que devem ser desenvolvidos a partir da segunda quinzena

⁸ Embora a música seja um dos elementos mais marcantes da Congada, nosso trabalho não teve como foco principal tal tema, deixando assim aberto para novas pesquisas e estudos sobre este aspecto da Congada da Lapa.

de 2015, através de registros audiovisuais por parte de um pesquisador mineiro, buscar-se-á tornar a Congada da Lapa como Patrimônio Imaterial.

Neste trabalho buscou-se articular o conceito de ritual e performance à manifestação de cultura popular lapiana denominada congada, sabendo das dificuldades que os guardiões da congada enfrentam para manter viva essa expressão cultural, essa pesquisa buscou valorizar a congada e articulá-la à identidade lapiana e paranaense, assim essa pesquisa abre outras possibilidades de análise acerca do tema, tais como: O lugar do popular no Paraná, a representação da cultura afro-brasileira no Paraná e como formador de uma identidade.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. 4.ed. - São Paulo: Moderna. 2009

BIGARELLA, João José; BLASI, Oldemar. **Lapinha: A natureza da Lapa**. Lapa: Lar Lapeano, 1997.

CANCLINI, N. *Culturas híbridas*. São Paulo, Edusp, 1989

CATENACCI, VIVIAN. **Cultura Popular: Entre a tradição e a transformação**. São Paulo Perspec., São Paulo , v. 15, n. 2, p. 28-35, abr. 2001 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 jun. 2015.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. **Os sentidos no espetáculo**. *Rev. Antropol.*, São Paulo , v. 45, n. 1, p. 37-78, 2002 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012002000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 jun. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012002000100002>.

Congada da Lapa: **Documentário da revitalização da Congada da Lapa - Paraná** [DVD]. Curitiba. LAZ audiovisual. S/D.

DA MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro*, Rio de Janeiro, Zahar. 1979.

FERNANDES, José Loureiro. **Congadas Paranaenses**. Rio de Janeiro: MEC; Fundação Nacional de Arte – FUNARTE, 1977.

GEERTZ, Clifford, **A interpretação das culturas**. 1 ed. 13 reimpr. - Rio de Janeiro, LTC; 2008.

LINKE, Paula Piva. **Cultura e memória: A Congada da Comunidade Lapeana**. 2001. P.1509 – 1520. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2011/trabalhos/45.pdf>

MULLER, Regina Pollo. Corpo e imagem em movimento: há uma alma neste corpo. *Rev. Antropol.*, São Paulo , v. 43, n. 2, p. 165-193, 2000 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012000000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 jun. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77012000000200008>.

NASCIMENTO, Cláudia B. do. **Múltiplos olhares sobre a presença negra na Lapa – Paraná: História e Arqueologia (Século XIX e XX)**. 2009. 237 f.

Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de pós - Graduação em História, Porto Alegre, 2009.

O SANTUÁRIO: **Santuário Diocesano de São Benedito**. Lapa: Paróquia Santo Antônio da Lapa. Ed. única, dez. 2010.

PEIRANO, Mariza. **Rituais ontem e hoje**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PRIORI, Mary del. **Religião e religiosidade no Brasil Colonial**. São Paulo: Ática, 1994.